

## **Das ruínas à resignificação: emoção e comunicação dos objetos sobreviventes do desastre de Bento Rodrigues.**

### **From ruins to resignification: emotion and communication of surviving objects from the Bento Rodrigues disaster.**

Enviado em:29-02-2024

Aceito em: 27-06-2024

**André Fabrício Silva<sup>1</sup>**

#### **Resumo**

O rompimento da barragem do fundão ocorrido no ano de 2015 arrasou o subdistrito de Bento Rodrigues em apenas 15 minutos. No instante da destruição, uma diversidade de objetos afetivos materiais ficara para trás, soterrados na lama, enquanto os moradores lutavam por suas vidas. Meses após o evento, retornaram as ruínas de Bento Rodrigues e, nesse processo, conseguiram resgatar alguns objetos os quais tornaram-se referências emotivas de rememoração da territorialidade. Diante dessa problemática, buscamos propor neste trabalho uma análise desses objetos na perspectiva da musealidade e das emoções patrimoniais, compreendendo-os a partir das suas propriedades e qualidades comunicacionais. Destaca-se os aspectos das emoções patrimoniais direcionados as práticas de atribuição de valor ao objeto patrimonial. A emoção sentida pelas vítimas representou a agregação de distintas qualificações aos objetos, transpassando o seu valor de uso. A lama os transformou em múltiplos testemunhos, atravessados pelo trauma, estruturando-se como objetos únicos relevadores de outras memórias, de identidades construídas na vivência do território destruído.

**Palavras-chave:** Bento Rodrigues, Objetos sobreviventes, Emoção Patrimonial

#### **Abstract**

The collapse of the Fundão dam that occurred in 2015 leveled the Bento Rodrigues subdistrict in just 15 minutes. At the moment of destruction, a variety of material emotional objects were left behind, buried in the mud, while residents fought for their lives. Months after the event, the ruins of Bento Rodrigues returned and, in the process, managed to rescue some objects which became emotional references to remember territoriality. Faced with this problem, we seek to propose in this work an analysis of these objects from the perspective of museality and heritage emotions, understanding them from their properties and communicational qualities. The aspects of heritage emotions aimed at practices of attributing value to heritage objects stand out. The emotion felt by the victims represented the addition of different qualifications to the objects, going beyond their use value. The mud transformed them into

---

<sup>1</sup>Professor substituto do curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC). Doutor e Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Email: andrefabricio.sil@gmail.com

multiple testimonies, crossed by trauma, structuring themselves as unique objects revealing other memories, of identities built in the experience of the destroyed territory.

**Keywords:** Bento Rodrigues, Surviving objects, Heritage Emotion

## Introdução

Nas suas reflexões sobre os paradigmas do retorno do passado, Paulo Rossi parte da premissa de que "o tempo possui uma direção e uma flecha" (ROSSI, 2010, p.129). Na visão linear do tempo, a repetição não se estrutura como uma possibilidade, onde os eventos se ordenam apenas pelas suas singularidades, e cada posicionamento se encontra em um ponto determinado da flecha (ROSSI, 2010). Entretanto, o mesmo autor sugere que, numa dinâmica temporal, o passado pode se reapresentar no presente por meio de fragmentos. No retorno, uma perspectiva cíclica se misturaria à imagem da flecha, ocasionando uma visão de regressão que traz consigo a ideia de uma volta ou repetição. Nessa concepção temporal, o regresso do passado se estrutura na memória e, para Rossi, apoiando-se nas concepções filosóficas de Aristóteles, essa memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua (ROSSI, 2010, p.15). A reminiscência, configurada como uma imagem lembrada do passado, que conserva na memória um passado tecido de recordações, traz de volta à memória aquilo que foi experimentado e que ainda se configura como um elemento capaz de afetar os sujeitos no presente.

As reminiscências ganham um caráter simbólico neste artigo, pois são atravessadas por traumas de um desastre que representam a ressignificação de objetos que passam a se constituir enquanto ativadores de memórias de um passado ligado a um território que foi completamente destruído. O desastre se refere ao ocorrido em Bento Rodrigues com o rompimento da barragem de Fundão, em 5 de novembro de 2015. Essa barragem pertencia à empresa Samarco, uma *joint venture* entre as mineradoras brasileiras Vale e a anglo-australiana BHP Billiton. A barragem de rejeitos de minério liberou uma enorme quantidade de lama e detritos tóxicos, resultando em uma catástrofe ambiental e humana. A lama atingiu a comunidade de Bento Rodrigues, destruindo casas, causando a morte de 19 pessoas e deixando centenas de desabrigados, desterritorializados na cidade de Mariana.

Com mais de 300 anos de existência, Bento Rodrigues foi um importante centro de mineração durante o século XVIII, integrando a famosa rota da Estrada

Real<sup>2</sup>. A comunidade, que tinha mais de 600 moradores, abrigava igrejas centenárias com um valioso acervo de arte sacra, ruínas arqueológicas, uma paisagem natural exuberante e toda a imaterialidade refletida na rotina do dia a dia, na dinâmica das relações dos moradores com o espaço, nas tradições locais, nos saberes tradicionais, na tessitura que define o *ethos* de ser morador de Bento Rodrigues. A vivência de gerações de famílias e o núcleo existencial de indivíduos foram os elementos que transformaram a comunidade de Bento Rodrigues em um espaço de memória vibrante.

A lama que atingiu o subdistrito causou a perda de memórias e identidades. As marcas deixadas pela tragédia colocaram esses moradores no patamar de atingidos, resultando em algumas ressignificações na relação deles com o patrimônio perdido. Agora, essa relação se reconstitui por meio de uma memória afetiva, na busca por recompor o que foi perdido e na tentativa de manter vivas as identidades ligadas a um espaço que já não existe.

Dessa forma, o evento ocorrido em 2015 parece retornar a todo instante na memória das vítimas. O processo de reminiscência transporta as sensações sentidas no dia do desastre, afetando as vítimas, como se a cada lembrança a dor daquele momento fosse reativada. Eles seguem temporalmente afetados por esse passado. A vista disso, destaco um trecho de um poema do morador de Paracatu e vítima do desastre: Sergio Papagaio.

*Vocês sabiam? É no silêncio que as barragens se rompem. Meu nome é Maria, Pedro, Sebastião, Zeninha de Seu Chicão, Quinota de Joaquina, Lília de Lalado. Eu? Eu sou Sergio Papagaio. Vou contar para vocês a história de um crime, mãe de tantos outros crimes. Caminho de barro. 5 de novembro de 2015, houve um estrondo, o som ecoa o mundo afora, carregando consigo a soma de vários delitos de uma tragédia anunciada (...) esse mal não contente, desce o vale e ganha o rio. Ganha não, toma e faz dele seu caminho. Galopando como um gigante vai levando tudo a sua frente: ponte, gente, gado, casa... Pinta de marrom o verde das margens(...)Olha que coisa mais confusa, a lama Gualaxo abaixo, a lama Carmo acima. E na volta da Capela apaga-se as luzes, acende-se as velas. Mas nada pode ser feito contra o monstro de rejeito (SERGIO PAPAGAIO, 2021)*

O poema foi apresentado durante o lançamento da campanha de financiamento coletivo do Jornal A Sirene em 8 de julho de 2021<sup>3</sup>. Ele oferece diversas

---

2A Estrada Real é a maior rota turística do país. São mais de 1.630 quilômetros de extensão, passando por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. A sua história surge em meados do século XVII, quando a Coroa Portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e de diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas que foram concedidas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real (Instituto Estrada Real, n.d.).

3O Jornal A Sirene surgiu em fevereiro de 2016 visando ser um veículo para comunicação popular feito por e para os(as) atingidos(as). A publicação, distribuída mensalmente nas cidades de Mariana (sede e

camadas que revelam múltiplos aspectos do crime. Um ponto crucial a ser destacado é que, mesmo em 2021, seis anos após o ocorrido, ele ainda se mantém como um evento capaz de mobilizar emocionalmente Sergio Papagaio<sup>4</sup>. A emoção se intensifica ao mencionar nomes, possivelmente de pessoas conhecidas por ele. Ao pronunciar nomes como “Doca, Polonha, Iracema, Quito, Élio, Nier, Constância, Maria do Carmo e as Crianças, Emily, Duda, Ariel, Eric, Fernanda de Dadá”, que representam vidas e histórias perdidas, ele faz uma pausa e deixa suas emoções fluírem, destacando que nada pôde ser feito contra o "monstro de rejeito".

A metáfora do "monstro de rejeitos" é altamente simbólica. No poema, é possível sentir o peso do crime, com a imagem da lama personificada como um monstro fora de controle, destruindo tudo em seu caminho. Este cenário crítico destaca um ponto crucial a ser analisado neste artigo. A lama, enquanto elemento simbólico de um evento crítico (DAS,1995), impediu que os moradores de Bento Rodrigues tivessem sequer tempo para levar consigo qualquer objeto pessoal. Nos 15 minutos que antecederam a destruição completa de Bento Rodrigues, houve apenas tempo para salvarem suas vidas. Como evidenciado no poema apresentado anteriormente, a lama arrastou tudo em seu caminho. Nesse processo, uma infinidade de objetos afetivos desapareceu, soterrada pela lama. No espectro do desastre, todos esses objetos adquiriram um novo significado para os moradores de Bento Rodrigues, quer tenham sido perdidos ou resgatados.

Ao investigarmos o desastre, inevitavelmente nos deparamos com uma infinidade de imagens que têm como foco central a narrativa em torno dos objetos, buscando reforçar uma perspectiva sensível, destacando que cada um desses objetos mantinha uma relação afetiva com as vítimas. Mesmo sem conhecermos a quem esses objetos pertenciam, ao nos depararmos com esses registros, somos envolvidos por um sentimento caloroso, pois compreendemos que cada objeto, ontologicamente, carrega consigo um potencial testemunhal, atuando como um semióforo portador de significado. Isso, por sua vez, nos conduz a um processo de humanização que está

---

subdistritos) e Barra Longa, arriscava acabar por falta de recursos. Por ser uma produção popular e independente, dos próprios atingidos e atingidas, os recursos d'A SIRENE dependiam de verbas da Arquidiocese de Mariana, que as manteve até julho de 2019. Desde então, o jornal vem contando com diversas fontes de financiamento instáveis, e atualmente conta com campanhas de financiamento para se manter.

4Live do lançamento de campanha de arrecadamento disponível em: <https://bit.ly/3Simpdj>. Acessado em 15/01/2024.

intrinsecamente ligado à dimensão valorativa que atribuímos aos objetos, nas suas conexões estabelecidas com territórios, pessoas e significados.



Figura 1: imagem de Nossa Senhora Aparecida encontrada na lama. Fonte: Folha de São Paulo.  
Figura 2: Conceição de Paula segura a foto encontrada no meio da lama, em Bento Rodrigues (MG).  
Fonte: G1 -Foto: Flávia Mantovani/G1).

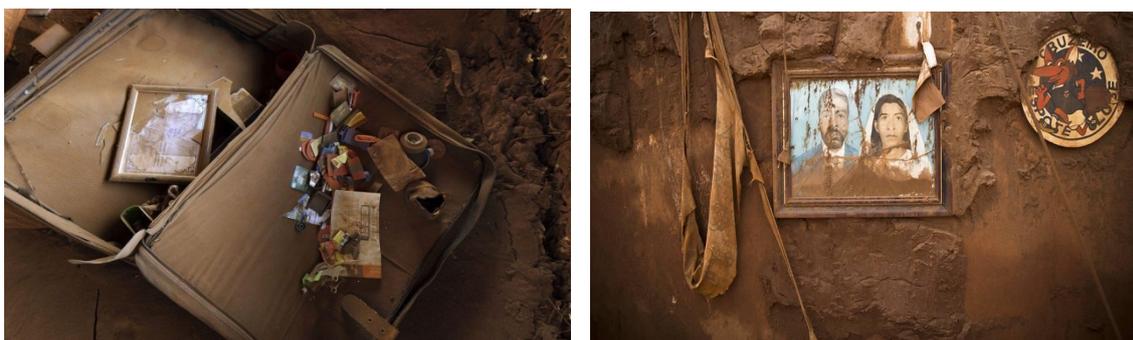


Figura 3: Gesteira, Minas Gerais, 2016. Cristiano Mascaro. Fonte: Cristiano Mascaro.  
Figura 4: Registro de objetos afetados pela lama. Fonte: Acervo O Globo.

As imagens destacadas, no contexto da perspectiva patrimonial, evidenciam dois pontos cruciais a serem considerados. O primeiro ponto foi analisado pelos autores Marcia Arcuri, Paulo Otávio Laia e Rodrigo Suñer, que, ao refletirem sobre os processos de salvaguarda e gestão do patrimônio cultural afetado pelo rompimento da Barragem de Fundão, destacam que uma parte significativa dos objetos, sejam eles de natureza histórica, paisagística ou afetiva pessoal, "tornaram-se, em um só golpe, 'bens arqueológicos', ao serem soterrados pela lama" (ARCURI, LAIA, SUÑER, 2018, p. 214). É importante ressaltar que, no calor do desastre, ao tentar resgatar bens patrimoniais religiosos na igreja de São Bento, arqueólogos, impelidos a coletar qualquer material que simbolizasse o trágico evento, acabaram reunindo diversos

objetos<sup>5</sup>. Estes, ao receberem a designação de "bens arqueológicos", foram inseridos numa lógica "oficial" de salvaguarda. Neste artigo, iremos observar o movimento oposto, os processos de valoração realizados pelas vítimas, fora de uma perspectiva institucionalizada.

O segundo ponto a ser destacado ao considerarmos o simbolismo das fotos mencionadas anteriormente é que os objetos destruídos pela lama se transformaram, dentro da esfera da materialidade patrimonial, em símbolos da perda para os membros da comunidade de Bento Rodrigues. A polissemia dos objetos soterrados carrega consigo testemunhos diversos de uma realidade agora marcada pelo trauma do desastre, revelando também outras memórias e identidades construídas na vivência de um território que já não existe. Nesse contexto, compreendemos que esses objetos passaram a ser caracterizados como objetos patrimoniais. Essa abordagem encontra respaldo nas reflexões de Nathalie Heinich, que entende o objeto patrimonial como capaz de evocar emoções (HEINICH, 2012). Para a autora, tais emoções podem ser descritas com base no significado representado pelo objeto, seja ele positivo ou negativo, pelo contexto em que está inserido (individual ou coletivo, privado ou público) ou pelos valores que expressa (autenticidade, presença, beleza). Cada objeto está vinculado a um "registro de valores" específico, ampliado de acordo com sua extensibilidade temporal (HEINICH, 2012, p.19). Portanto, podemos inferir que esses objetos estão profundamente impregnados de valores, tornando-os de fundamental importância para análise.

Meses após o rompimento da barragem, os moradores puderam retornar às ruínas de Bento Rodrigues e, durante esse processo, conseguiram resgatar alguns objetos que se tornaram referências emocionais na construção e rememoração da territorialidade perdida<sup>6</sup>. Da mesma forma, outros objetos jamais foram encontrados, mas ainda persistem como artefatos comunicacionais que ativam uma memória que se mantém viva mesmo na ausência. Dessa maneira, percebemos esses objetos sob a perspectiva patrimonial e museológica. Por isso, buscaremos analisá-los a partir de suas propriedades e qualidades comunicacionais; olhar para as dinâmicas de valorização da autoimagem como membros da comunidade diante dos processos de redescoberta; e por meio das ausências, entender o processo íntimo de relação entre memória e objeto, ganhando uma dimensão particular a partir do trauma do desastre.

---

5 Disponível em : <https://bit.ly/47B0RwP> . Acessado em: 15/01/2024.

6 Disponível em : <https://bit.ly/3U1t118> . Acessado em :15/01/2024.

Alinhado a proposta deste dossiê, importante destacar que este estudo se direciona na decolonização dos patrimônios culturais que envolve um processo de revisão crítica das práticas, narrativas e políticas que historicamente refletiram perspectivas coloniais e eurocêntricas. Tal movimento visa promover a justiça histórica, cultural e social, através da inclusão e valorização das vozes e experiências das comunidades que foram marginalizadas. Decolonizar patrimônios não se restringe à restituição de objetos ou à inclusão de narrativas alternativas, mas implica uma transformação profunda e estrutural das abordagens à preservação, interpretação e valorização do patrimônio cultural. Por isso, o estudo apresentado busca relacionar teoria e prática a partir de um evento específico, destacando em nossa análise os aspectos das emoções patrimoniais que se direcionam as práticas de atribuição de valor ao objeto patrimonial.

A emoção gerou outros processos e introdução de diversas qualificações aos objetos, transpassando o seu valor de uso. Ao observarmos os objetos na lógica patrimonial, avistamos que eles atenuam seu valor funcional para o qual foram inicialmente designados, sendo-lhes atribuídos valores que agora se relacionam com o trauma, passando a ter uma nova funcionalidade. Buscamos sobrepujar o sentido jurídico e burocrático no trato patrimonial e direcionar o olhar para o patrimônio no campo das negociações simbólicas ancoradas nas emoções patrimoniais, nas perdas, entendendo que a perda de monumentos históricos, dos espaços públicos, dos modos de vida gera sentimentos emocionais, afetando a relação que as vítimas têm com o lugar.

### **Ressignificando os objetos em meio às emoções**

No contexto de Bento Rodrigues, os moradores direcionaram sua indignação, desde o momento do desastre, para a mineradora Samarco, responsável pelo ocorrido, e a Fundação Renova, instituída com o propósito de indenizar as vítimas. No enfrentamento contra os responsáveis, a intensificação das emoções ligadas ao patrimônio impulsionou uma série de ações, centradas nos usos do patrimônio e na defesa do território. Essas iniciativas contribuíram para fortalecer identidades culturais e estabelecer o direito ao uso do território devastado, visando à preservação dos rituais patrimoniais (FAULHABER, SILVA, 2020). A percepção do patrimônio pelas vítimas decorreu das experiências traumáticas geradas pelo evento, ampliando-se durante o processo de luta por reparação. Essa vivência propiciou o surgimento de um

movimento de resistência fundamentado na memória, que se consolidou na relação com o território. O patrimônio de Bento Rodrigues, moldado pelas nuances traumáticas, evoca, impacta e transforma, erguendo-se como elemento crucial de sustentação no processo de luta por reparação para as vítimas (*Id.*).

Esses processos evoluíram por meio de vivências patrimoniais específicas, entrelaçando-se com o território e os ritos consagrados nesse ambiente. A continuidade dos laços afetivos preservou a vitalidade das emoções fundamentadas nas relações que os membros da comunidade de Bento Rodrigues mantêm com as memórias coletivas da localidade. Contudo, uma representação marcante do desastre é visível na ampla destruição de inúmeros objetos. Alguns desses itens, em certos casos, remetiam a uma memória compartilhada, mas a maioria pertencia a indivíduos que, em suas peculiaridades, nutriam uma ligação afetiva com esses objetos. A ausência do território e dos rituais celebrados ali desencadeou uma série de mobilizações impulsionadas pelas emoções patrimoniais, reforçando a batalha não apenas pela preservação das tradições, mas também pelo próprio espaço, uma vez que é através dele que os afetados mantêm uma conexão com a memória da comunidade. De maneira similar, a ausência dos objetos afetivos provocou uma gama de emoções, pois as lembranças dos itens recuperados passaram a ser reinterpretadas e valorizadas com base em seus aspectos comunicativos.

Conforme destacado por Daniel Fabre, as emoções patrimoniais envolvem um processo complexo de atribuição de valores aos objetos patrimoniais (FABRE, 2019). No âmbito das emoções, os objetos ganham qualificações que ultrapassam os valores de uso comuns, adquirindo novos significados no espectro do desastre. Quando nos referimos a objetos patrimoniais, partimos do pressuposto de que estão inseridos em uma lógica patrimonial. Na perspectiva das emoções patrimoniais, os valores desses objetos, frequentemente cristalizados por uma visão oficial de valorização, são postos em xeque. As experiências traumáticas causadas pelo desastre constituem o cerne do processo de atribuição de valores aos objetos perdidos na lama. Essas atribuições ultrapassam a lógica "oficial", representada pela perspectiva da empresa responsável pelo crime, que atribui valores aos objetos resultantes de sua própria transgressão. Além disso, as vítimas desempenham um papel crucial, inserindo os objetos em um processo museológico comunicacional. Destarte, analisaremos os objetos e como adquirem uma dimensão patrimonial provocada pelo desastre a partir do reencontro.

Uma premissa importante de se destacar é que vivenciamos o mundo físico através dos objetos (DOHMANN, 2013, p.22). Eles se constituem como testemunhos

da história da sociedade humana, das mudanças tecnológicas, refletindo em simultâneo, conforme destaca Marcus Dohmann, o psiquismo individual e o meio social dos homens (DOHMANN,2013). Mais do que isso, o homem na sua relação com o objeto compõe um elemento central na experiência material, no qual todas as esferas da vida, sejam elas biológicas, psicológicas e sociais, são permeadas pela presença do objeto, conectando o humano com o mundo, o qual o suporte material representa a condição essencial da vida:” a do espírito existir e, sobretudo, manifestar-se” (DOHMANN,2013, p.31).

A cultura material se estrutura como um lugar privilegiado de observação das intencionalidades humanas. Dessa forma, no paradoxo das percepções patrimoniais, observamos que a materialidade dos objetos é significativa no sentido de que é através dela que a imaterialidade é cultivada. Os objetos estimulam as memórias e se dispõem como ferramentas capazes de contribuir para reavaliar e recriar memórias e identidades nos processos de ressignificação da materialidade, estruturando-se como suportes de memórias. Sobre a memória e o objeto, Halbwachs irá destacar que conservamos as nossas recordações através das referências materiais que nos cercam (HALBWACHS, 1925 apud CONNERTON, 1999), demonstrando que os objetos se configuram como elementos capazes de ativarem nossas lembranças e é por meio deles que ordenamos o mundo.

Podemos apreender a partir dessas observações iniciais que os valores não emanam dos objetos, são atribuições. O valor patrimonial eclode no campo relacional, estabelecido entre os sujeitos e os objetos. No contato com a materialidade, projetam e rememoram vivências passadas e experimentam as tensões entre o esquecer e o lembrar. No processo de valoração do patrimônio, o território cumpre uma importante etapa de fixação das lembranças, porque o sujeito reconstrói suas memórias se estas estiverem vinculadas a determinados ambientes (HALBWACHS, 1976). Os vínculos sociais com os territórios contribuem na consolidação, constituição e reconstrução das memórias coletivas e sociais dos sujeitos e das suas identificações. No caso dos moradores de Bento Rodrigues, os espaços afetivos não existem mais e as lembranças se constituem através das memórias estabelecidas pelos objetos encontrados no território destruído, com a imaterialidade que emana nos processos de valoração na perspectiva do crime.

Após um ano do ocorrido em Bento Rodrigues, constatamos que o primeiro evento religioso a envolver a comunidade fez despertar as emoções patrimoniais a partir da ausência, em que os atingidos perceberam a dimensão afetiva do território e

dos ritos, que só teria o seu sentido sagrado se fosse realizado no território de Bento Rodrigues<sup>7</sup>. Esse movimento inicial gerou uma série de ações, dentre elas de lutarem pelo direito de frequentarem o espaço, que mesmo destruído, ainda era o referencial simbólico da comunidade de Bento Rodrigues. A possibilidade de frequentar o território gerou não somente ações de lutas envolvendo processos identitários e usos do território, como também fez despertar as emoções patrimoniais na medida que os membros da comunidade passaram a procurar e encontrar objetos pessoais soterrados.

### **Sobrevida dos objetos resgatados da lama.**

Diante da completa destruição do território, alguns pequenos objetos sobreviventes vão se configurando como bens materiais que, por meio das emoções patrimoniais despertadas no reencontro a partir dos vestígios deixados pela lama, vão se instituindo como ativadores de memória, como se os objetos estimulassem uma série de conotações. Passam a estimular memórias guardadas que, perpassadas pela memória do evento, transfiguram a relação com o objeto, concretizando uma série de informações culturais, criando sentimentos de identificação com o objeto patrimonial. Caso experimentado pelo morador de Bento Rodrigues, Jose das Graças Caetano, de 63 anos, mais conhecido como Zezinho Café, responsável pela escolha do terreno onde hoje está sendo construído o Novo Bento. Zezinho Café teve seu terreno de mais de dois mil metros quadrados destruídos pela lama e com ele galinhas; passarinhos (canários, estrelinhas, tico-tico rei e papa-arroz, entre outros); pés de frutas dos mais diversos (abacate, laranja, mexerica); hortaliças que ocupavam quase todo o terreno; objetos pessoais, dentre outros. Face à destruição de toda a materialidade, somente um quadro sobreviveu ao desastre. Seu Zezinho Café tinha a esperança de encontrar outros objetos, mas conforme destaca: “quando voltei lá depois do desastre, só consegui pegar esse quadro” (ZEZINHO CAFÉ, 2016).

O quadro resgatado por Zezinho Café se trata de um grupo de cantores sertanejos conhecidos como Hunimanos, cuja existência é tão rara quanto o próprio quadro, que agora se configura como um objeto patrimonial, única referência de uma

---

<sup>7</sup>Confer. SILVA, A. F.; FAULHABER, P. *Bento Rodrigues e a memória que a lama não apagou: o despertar para o patrimônio na (re)construção da identidade no contexto pós-desastre*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 15, n. 1, p. e20200126, 2020.

lembrança passada, de uma vida que foi completamente destruída (CAMARGOS,2016). Esse objeto sobrevivente agora se constitui como uma relíquia que Zezinho Café, após recolhê-lo da lama, retirar o revestimento de plástico que o protegia, limpar e pendurar na parede de sua casa, guarda como um objeto patrimonial. Preso em seu apartamento, Zezinho Café se sente “igual a um passarinho preso na gaiola aqui nesse apartamento” (ZEZINHO CAFÉ,2016) e o quadro se configura como objeto capaz de veicular aspectos singulares das reminiscências de Zezinho Café, através das memórias de vivências passadas e experimentações das tensões entre esquecimento e lembrança provocadas pelo desastre. O desconforto de viver no apartamento é amenizado pelo gosto da música sertaneja, pelo quadro que reflete os sentidos e imagens dessa paixão e de um momento em que podia viver livre no território de Bento Rodrigues.

No contato com os objetos, as memórias dos moradores de Bento Rodrigues parecem se estruturar por meio de uma série de circunstâncias que afetam os estímulos culturais, no qual a potencialidade de memória dos objetos é individualizada e as informações carregam sentimentos atravessados pela memória do drama. Se para Zezinho Café o quadro ainda se configura como uma lembrança de um passado nostálgico, para a moradora de Bento Rodrigues Josilene esse sentimento é contrário. Ela também recuperou um quadro, de uma paisagem feita por ela com agulha e linha, nos tempos em que vivia em Bento Rodrigues. Mas, para ela, o quadro, que ainda carrega vestígios da lama, traz consigo uma memória traumática que não se apaga, provoca sensações que remetem mais ao contexto do rompimento da barragem e suas consequências do que um passado afetivo. Para Josilene, as recordações que o quadro carrega não são agradáveis, “vai dando uma coisa dentro que parece que está fechando. Um aborrecimento.” (JOSILENE,2016).

Essa relação com a memória, ativada pelo quadro, em Josilene parece revelar um aspecto importante destacado por Ivan Izquierdo, ao enfatizar que a “memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou” (IZQUIERDO, 1989, p. 89), ela conserva o passado por meio de imagens ou representações que podem ser evocadas. Podemos compreender o aborrecimento que Josilene sente ao ver o quadro justamente por ele ativar uma memória de uma identidade pessoal, o “sou quem sou porque me lembro quem sou” que se cristaliza pela perspectiva dramática. O objeto traz uma lembrança em que ela se percebe enquanto vítima, atingida, uma identidade marcada pela dor da perda do território.



Figura 5: Quadro resgatado por Josilene.: Fonte: Estadão Conteúdo.

Os moradores de Bento Rodrigues, impulsionados pelo desejo de encontrarem qualquer objeto que pudesse trazer de volta um pouco das lembranças e vivência naquele território, recuperaram aquilo que foi possível, pequenos fragmentos de uma vida que agora se solidifica na lembrança manifestada pelas emoções. Para José das Dores, a emoção se amplifica quando encontra seu relógio que havia ganhado de presente há mais de 20 anos pelos serviços prestados a uma empresa de fabricação de alumínio. Na sua vivência em Bento Rodrigues, o relógio tinha um caráter especial e por isso, mesmo sendo um relógio de pulso, guardava como um objeto afetivo. Para ele, tinha tanto valor que receava que pudesse estragar ao utilizar, por isso “não usava no pulso, deixava ele na prateleira do meu bar” (JOSÉ DAS DORES, 2016). Foi o único pertence resgatado por José das Dores e carrega consigo outro valor daquele agregado: o da destruição, marcado no ponteiro do relógio, que demonstrou resistência diante do peso da lama e sucumbiu uma hora e meia após ter sido soterrado (CAMARGOS, 2016). O relógio se institui de duplo valor para José das Dores, já que para ele ainda é o relógio especial que utilizava antes do desastre e agora tem um novo valor agregado a partir do momento em que foi soterrado. O seu encontro representa uma sobrevivência e o testemunho de um crime.

A sobrevivência dos objetos resgatados pelos moradores de Bento Rodrigues, que passam a configurar uma nova experiência patrimonial, revelam camadas que se interconectam na medida que são encontrados e os moradores vão ativando suas memórias a partir desses objetos. Como a toalha encontrada por Toninho, ligada à sua paixão pelo futebol, desperta as lembranças dos dias em que a estendia no capô do

seu carro para assistir aos jogos do Cruzeiro, seu time do coração. Além da toalha, ao escavar o barro deixado pela lama, encontrou destroços de sua antiga casa; imagem da santa que era devota; uma bola de futebol que o irmão ganhou numa partida de sinuca (CAMARGOS,2016). Como se fosse a sua nova coleção pessoal, agora com traços do desastre, juntou os objetos em uma caixa e levou consigo: “foi o que conseguimos salvar, além de nossas vidas” (TONINHO,2016). A sua esposa Luciene lamenta que os álbuns de fotografias do seu casamento e da infância da filha não tenham sido encontrados. Segundo ela, é “ruim não ter registro da infância do filho, ou do dia em que se casou” (LUCIENE,2016). O lamento traz consigo a dimensão do entendimento valorativo dos objetos e o desejo de guardá-los, estruturando-se em uma lógica colecionista, como destacado por Celina Mendonza, ao refletir que os sujeitos guardam os objetos como uma tentativa de manterem vivos os testemunhos de um passado que se desloca para o presente por meio das recordações que tais objetos carregam (MENDONZA,2005).



Figura 6: Registro de José Sales com a sua camisa e imagem resgatadas da lama. Foto: Estadão Conteúdo.

As recordações transmitidas pelos objetos, em alguns aspectos, fazem com que as vítimas, no processo de busca em meio ao caos provocado pelo desastre, ressignifiquem suas relações com os objetos e com o próprio crime, entendendo quase como um sinal de sorte encontrar algo que foi completamente destruído. Vislumbramos esse aspecto no objeto encontrado pelo morador Cristiano José Sales. Ao buscar objetos na lama com a sua mãe, ele lembra: “Estávamos lá revirando a lama e minha mãe gritou: ‘Tiano, vem cá! Olha o que eu achei’” (SALES,2016). Era a camisa de futebol do seu time de paixão, também o Cruzeiro. Para ele, a camisa já tinha o simbolismo de ser considerada um amuleto, pois a utilizou em um contexto que

seu clube do coração não ganhava e que nesse dia essa história mudou. Nesse sentido, retirar a camisa da lama para ele foi como um sinal de sorte (CAMARGOS,2016). Ironicamente, diante do azar de ter sido vítima que soterrou todos os seus bens, considerava-se uma pessoa de sorte por encontrar esse objeto que para ele tem um significado emocional. Além da camisa, encontrou outros objetos, como a imagem do Menino Jesus de Praga e um crucifixo que ficava em sua casa, representativo para ele, uma vez que exercia a função de Ministro da Eucaristia. Sobre os objetos, expressa uma frase significativa: “Esses objetos são tudo pra nós. É o que restou de memória da vida que vivemos antes.” (SALES,2016).

A fala de Cristiano José Sales evidencia uma relação patrimonial com os objetos, visto que estes são as únicas referências memoriais de uma vida que ele tem consciência de que não existe mais. Os objetos se estabelecem como únicas ferramentas capazes de comunicarem uma história que permanece viva através dos vestígios. Retomando as reflexões de Natalie Heinich, é como se esses objetos se tornassem patrimônios involuntários, cujos sentidos hermenêuticos são delineados pela relação que os objetos estabelecem com o evento crítico. Os processos de transformação, os sentidos dados ao objeto, que Heinch vai destacar serem variados conforme suas funções culturais e históricas, os qualificam como patrimônio, na medida que os membros da comunidade de Bento Rodrigues passam a valorá-los subjetivamente, revelando que eles evocam a ideia de autenticidade associada a valores como beleza e sentido.

Quando visitam as comunidades destruídas, o que encontram vai além da lama, dos destroços e das ruínas. Lá tem uma parede pintada de verde claro, uma janela de madeira com adesivos colados no vidro, um banheiro com chuveiro a serpentina, camas ainda forradas com edredons, enfim, algo que pertence a alguém. Não se trata, então, apenas dos valores de posse desses pertences, mas da história, da memória e dos afetos que eles carregam. (A SIRENE, 2017, p.26)

Os moradores de Bento Rodrigues estabelecem com os objetos um ato relacional que configura um processo comunicacional aflorado pelas emoções. As percepções patrimoniais são ativadas nesse processo, despertando as emoções nos moradores, revelando que os objetos se instituem enquanto ativador de memórias afetivas. Sabemos que o objeto por si só, o objeto apenas pelo objeto, não tem a propriedade de despertar as emoções nos sujeitos. As emoções emergem na ideia de representação, cuja objetividade material se configura como dispositivo capaz de criar laços com a subjetividade, no contato com o objeto. Nesse processo, elas se sobressaem, principalmente quando analisamos as relações que os moradores

estabelecem com os objetos resgatados. Em uma perspectiva museológica, podemos apreender esses objetos como capazes de comunicarem um passado que se perdeu e que se reconstitui na medida em que os moradores os encontram. Devido as relações com o rompimento da barragem, provocam a lembrança da vida no antigo território, que se estrutura nas emoções provocadas pela dor do evento traumático.

Sobre o caráter comunicacional do objeto patrimonial, na perspectiva museológica de análise, o objeto vai se instituir como elemento capaz de disseminar informações através da percepção visual. Para Nelly Decarolis, o significado transmitido pelo objeto removido no tempo, lugar e circunstâncias de seu contexto original, é muito mais sutil do que qualquer outro meio de comunicação (DECAROLIS,1994). Dessa forma, a autora vai afirmar que os objetos representam expressões tangíveis da existência material e espiritual do homem, oferecendo uma experiência única e múltipla sensorial. Coaduna com o pensamento Jean Baudrillard, que irá destacar a subjetividade e objeto como termos finais de uma análise conceitual e traça uma análise sobre as emoções e os objetos ao salientar que "... seres e objetos humanos estão relacionados e nessa cumplicidade os objetos ganham densamente um valor emocional que tem sido chamado de presença" (BAUDRILLARD, 1993, p.84.). Essa passagem reforçar um ponto importante nesta obra, que busca pensar o desastre de Bento Rodrigues através do fenômeno das emoções na perspectiva patrimonial, pois traduz que o valor emocional representativo dos objetos está intimidade ligado à própria ideia de presença que esses objetos trazem.

As emoções das presenças vinculadas ao processo comunicacional dos objetos são apreendidas de modo que eles se transformam em imagens, ideias, conceitos, considerando as relações com o contexto social, histórico e cultural do qual foram resgatados, pensado que os objetos aqui analisados se inserem em um contexto muito específico, carregando consigo cargas simbólicas vinculadas ao desastre. E, da mesma forma, o próprio pensamento simbólico do sujeito é projetado sobre os objetos patrimoniais, com uma dimensão espacial e comunicacional. Dessa forma, quando um significado é concedido aos objetos, valores estão sendo atribuídos e essa ação profunda e cultural os transformam em sinais e símbolos. A retirada de um objeto de uma cadeia de significação implica a exclusão de um sinal, de um código, em que um elo da cadeia relacional se transforma na dinâmica patrimonial (DECAROLIS,1994).

Á vista disso, podemos afirmar que os objetos soterrados em Bento Rodrigues passam a estabelecer um novo elo de significação com os membros da comunidade, uma vez que agora têm um novo código simbólico adicionado aos códigos que eles representavam antes do desastre. Como testemunhos, são a prova do evento ocorrido. Como documentos, são as evidências vivas necessárias para reconstruírem a história apagada pela lama.

O olhar para os objetos enquanto testemunhos tem destacada atenção no campo da Museologia. São vistos como portadores de informações a partir dos processos de musealização e, na lógica testemunhal, “inscrevem os códigos genéticos da natureza, civilização e cultura. Todo objeto é como a parte desmembrada de um holograma: contém o caráter do todo”. (SOLA apud VAN MENCH, 1994, p.65. Tradução nossa). Nessa lógica, conforme destaca Maria Horta, qualquer objeto transformado em um objeto patrimonial torna-se uma unidade cultural ou uma unidade semântica que carrega uma quantidade significativa de informação (HORTA, 1994). Para Zbyněk Stránský, quando o objeto se enquadra dentro dessa lógica patrimonial, vinculado ao conceito de patrimônio cultural ou monumento, ele tem uma carga emocional e por isso gera esse “impacto” nos sujeitos conforme se relacionam com os objetos (STRÁNSKÝ, 1994, p.50).

Vemos que para Stránský o objeto patrimonial se estrutura enquanto meio para estimular as emoções e por isso, pelo seu caráter testemunhal, deve ser visto do ponto de vista holístico do tempo, do espaço, da cultura e dos sujeitos que se relacionam com ele. No sentido de contribuir para a ampliação das perspectivas que envolvem pensar como o objeto patrimonial consegue comunicar um passado vinculado ao território destruído e que agora se presentifica a partir dos objetos resgatados na lama, crucial é entender de maneira objetiva um conceito museológico importante para pensar tais dinâmicas, o qual é a musealidade.

A musealidade é um conceito que ainda se coloca como ponto de debate nas reflexões no campo museológico. Contudo, existe consenso quanto à vinculação da musealidade à atribuição de valores e recolha de objetos. Pode ser apreendido como um processo de deslocamento de percepção dos indivíduos sobre os objetos que os cercam, dando a estes novas classificações de sentidos e representações, que configuraria na sua preservação como difusor de memórias. Conforme destaca Bruno Brulon, “a *musealidade*, proposta inicialmente por Stránský, tem a pretensão de cobrir quase todas as qualidades não-materiais do objeto de museu ou do patrimônio cultural em seu sentido amplo (BRULON, 2018, p.191). Essa nova realidade criada no

momento da mudança simbólica do objeto está vinculada a musealidade, que Ivo Maroevic vai entender como o valor imaterial ou a significação do objeto, representando as motivações para a sua musealização (MAROEVIC,1997).

Sobre a musealização, André Desvallées e François Mairesse definem como o processo de deslocamento e valorização do objeto cotidiano à *musealia* (DESVALLÉES; MAIRESSE,2014). Esta definição destaca que os processos de musealização se enquadram dentro de uma performance *museal*, comumente estabelecida no espectro das instituições museais. Nesse direcionamento, observamos que os objetos da realidade cultural estão embebidos de musealidade, ou que o grau de musealidade dos objetos os tornam específicos. Por isso, em Maroevic, a princípio, vemos que a musealidade é entendida como potência de emissão da informação científica e/ou cultural contida na estrutura material do objeto. (MAROEVIC apud MENSCH, 1994). Assim, podemos apreender a musealidade como um traço característico do objeto que, separado de seu contexto original e colocado em um museu, ainda sim se constituiria como documento da realidade o qual foi separado.

Embora comumente as manifestações de musealidade e os processos de musealização estejam inseridos numa dinâmica museológica, e o museu enquanto espaço sagrado consolida essas relações, ainda sim tais processos escapam aos limites do museu (BRULON,2018, p.190). Neste ponto que os conceitos tratados se inserem nesta pesquisa. Ao buscar analisar os objetos resgatados pelos atingidos, uma vez que se inserem nesse processo de ressignificação museológica, vemos serem simbolicamente reconfigurados como objeto patrimonial, entrando na lógica de patrimonialização e mesmo estando inseridos nos processos de musealização, não a contempla por completo. Isso porque, conforme destaca Bruno Brulon, apoiando-se em Mairesse, o “reflexo patrimonial de *salvaguardar* o que consideramos como patrimônio, se distingue do reflexo museal, dar a conhecer e *transmitir* (BRULON,2018, p.198). Nessa lógica, entendemos os objetos resgatados da lama dentro de uma perspectiva museológica em que os membros da comunidade de Bento Rodrigues os consideram como patrimônio e embora eles não se configurem na logicidade museológica de musealização, que busca comunicar e transmitir o valor dos objetos, as suas salvaguardas por parte dos moradores ocorrem justamente porque esses objetos estabelecerem um valor comunicacional, que afetam e são afetados por eles.

Consideramos que a musealidade relaciona-se necessariamente à patrimonialização do objeto. Conforme destacado anteriormente, os objetos retirados

da lama passam por um processo de transformação simbólica, que não se relaciona com a sua separação material do ambiente físico, mas direciona uma existência dupla, que se delimita pelo próprio objeto e pelo impacto do desastre. É como se os objetos passassem a ter uma duplicidade, como um suporte para as propriedades imateriais que lhe são atribuídas e, em virtude da musealidade referir-se ao objeto dentro de contextos, de seu papel material, cultural e social, os compreendemos justamente dentro desse contexto na perspectiva dramática do evento crítico, pois é a partir dela que os objetos adquirem um caráter especial e na relação com esse contexto que o deslocamento valoral do objeto se realiza.

Nessa dimensão, podemos entender que as novas configurações que os objetos adquirem ao serem retirados da lama os instituem enquanto capazes de documentarem outra realidade, que no tempo presente se colocam como objetos que comunicam passados que perderam todas as suas referências territoriais e materiais. Dessa forma, nos apoiando em Maroevic, vemos ser posto em jogo a ação do contexto físico social (território de Bento Rodrigues); as condições sociais (que envolve a própria ideia de se identificarem enquanto sujeitos agentes); circunstância históricas (o desastre e a destruição do território), que irão estimular o processo de conotações e associações com os objetos, em que as informações culturais irão criar um sentimento de identificação com o patrimônio e o objeto patrimonial (MAROEVIC, 1997). Vemos, assim, os objetos como estimuladores da memória, que na dinâmica do desastre, instituem-se enquanto elementos capazes de comunicarem um passado.

### **Objetos afetivos e a ressignificação patrimonial no contexto pós-desastre**

A percepção dos usos dos objetos que se transformam devido às circunstâncias históricas, adquirindo novos valores, é ampliada na perspectiva do desastre ocorrido em Bento Rodrigues, pois ele traz à luz essa dimensão patrimonial dos objetos que passam a representar e comunicar um passado que perdeu toda a sua referência territorial e os objetos, ao serem resgatados da lama, tornam-se os únicos referenciais materiais afetivos. A metamorfose do objeto no âmbito patrimonial pode ser captada na própria forma como os moradores de Bento Rodrigues se expressam ao reencontrarem seus objetos afetivos.

Caso que sinaliza essas relações, foi reflexionado após conversa com o adolescente D. Ao ser indagado se havia voltado em Bento Rodrigues após o

rompimento da barragem, o adolescente informou que foi apenas em duas ocasiões: uma para ver como ficou o distrito após o desastre; e outra para ajudar um tio a resgatar um objeto da lama, conforme relata “Teve uma coisa, de Paulo Cesar, sabe? Uma tobata lá, que eu meu irmão até ajudou ele a resgatar ela.” Desconhecendo o que se trata o objeto, pergunto para que é utilizado e ele responde: “Não sei, acho que vai cavando covas. É tipo um negócio de planar, é de plantar mesmo.” E quando pergunto se retiraram para utilizar novamente, ele responde que não, foi para guardar.

A fala de D. aguçou a curiosidade em conversar com Paulo Cesar sobre esse objeto até então desconhecido. A minha primeira ação foi pesquisar para saber do que se trata. É um micro trator utilizado na agricultura para preparar o plantio em hortas, afofando à terra e preparando o solo. No contexto do desastre, ao pensar esse objeto no seu uso inicial, podemos entendê-lo dentro de uma lógica dos contextos que contribuem para as mudanças das percepções dos objetos, contexto que Peter van Mensch vai definir como um “plano” especial que fornece o local de encontro para o ambiente e os conjuntos de relações que aparecem ou se aplicam nesse ambiente” (MENSCH apud MAROEVIC, 2021, p.09). O autor vai classificar os objetos consoante os contextos que ele define como primários, arqueológicos e museológicos, em que cada um é uma combinação de um ambiente físico e conceitual, onde o ambiente físico representa o componente espacial e o ambiente conceitual o componente social, ambos presentes no tempo cronológico e social do objeto.

Para Maroevic, o contexto primário é o mais frequente, determinado pelas funções de produção, uso e manutenção do objeto. É a estrutura a qual se passa a vida dos objetos, sendo eles pensados dentro da lógica mercadológica (MAROEVIC, 2021, p.08). Dessa forma, a tobata, no seu contexto primário, e na minha percepção ao pesquisar a sua função, é apenas um objeto utilizado para o trato com a terra e o plantio. Até o dia do desastre ela exercia essa função e a biografia desse objeto vai evoluindo nesse contexto primário, que, conforme destaca Maroevic, vai adquirindo as propriedades que posteriormente após o desastre, vai se tornar um objeto patrimonial que documenta uma realidade particular, ou “contexto particular” (MAROEVIC, 2021) a partir da relação estabelecida entre os moradores e os objetos.

Ao conversar com Paulo Cesar Mendes, 53 anos à época, 26 dele vivendo em Bento Rodrigues, é notável como as emoções patrimoniais afloram a partir do momento em que digo que havia conversado com o seu sobrinho e que o mesmo tinha me relatado haver ajudado no resgate da tobata. A relação que ele irá estabelecer do objeto com a memória do desastre, e ainda, com a memória de Bento Rodrigues, nos

direciona a compreendê-lo na lógica que Halbwachs chama de "marcas visíveis do passado" (HALBWACHS,1990), ao tratar dos objetos como transmissores da memória. Pensando a tobata no contexto pós-desastre, ela se enquadra no contexto arqueológico citado por Maroevic anteriormente. Isso porque, segundo o autor, o contexto arqueológico representa um depósito temporário ou permanente de objetos que quando soterrados torna-se um potencial de objeto cuja identidade real foi congelada em um dado momento histórico, sua identidade funcional interrompida, e sua identidade estrutural sujeita a mudança. A passagem do tempo histórico em que o objeto não participa o torna cada vez mais um documento histórico, devido à crescente tensão entre os tempos históricos e cronológicos evoluindo no interior do objeto (MAROEVIC,1994, p.08). A tobata teve essa transição para o contexto arqueológico em questão de minutos e o seu processo de valoração ressignificado pelo novo tempo histórico configurado pelo desastre.

Quando Paulo Cesar nos fala sobre todo o esforço que teve para recuperar a tobata, a princípio podemos pensar que se relaciona com o próprio valor monetário do objeto e a sua função enquanto maquinário. Isso porque, como expressa Paulo Cesar, "Eu mesmo fui lá e paguei quatro pessoas, além do D., mais o irmão dele e minha filha" (PAULO CESAR,2022). O desejo em recuperar a tobata fez com que Paulo Cesar investisse o seu próprio dinheiro e contasse com a ajuda de familiares para voltar a Bento Rodrigues para recuperar o objeto, mesmo diante da tristeza de ter que retornar ao território de Bento, que ainda gera uma série de emoções: "eu chego lá e sinto é tristeza, porque tá tudo debaixo de lama e água. Eu volto lá porque é um pedaço de vida que eu vivi, então você não pode deixar pra trás. É onde você criou uma certa raiz, uma certa harmonia" (PAULO CESAR,2022).

A fala do morador demonstra que a nossa relação com o espaço não é puramente visual ou corporal, mas também é envolvida por emoções, proporcionadas a partir das nossas experiências e vivências. Grande parte das vivências cotidianas envolvidas pelas emoções são "despertadas" em distintos lugares, ou seja, há lugares expressivos em que as emoções ficam mais evidentes, sendo elas positivas ou negativas (SILVA, 2016, p. 99). No caso de Paulo, a emoção a princípio é negativa, no contato com o espaço e a partir do contato com a tobata, ou, como expressa de forma afetuosa, "a tobatinha que eu consegui resgatar" (PAULO CESAR,2022), mas que na medida em que vai falando do objeto, vai expressando outras emoções, demonstrando que a relação que ele tem com a tobata perpassa qualquer ideia de valor monetário ou de uso. Ao falar da tobata, a memória do presente chama atenção e remete a um

passado nostálgico, ao modo que “retornar ao passado é geograficamente lançar-se para si mesmo” (SILVA, 2016, p. 61).



Figura 7: Paulo andando a Cavalos em Bento Rodrigues. Fonte: Arquivo Paulo Cesar.

A primeira ação de Paulo Cesar após resgatar a sua tobata é quase que como um reflexo dos processos de patrimonialização, cuja ação se direciona no sentido de “restaurar” esse objeto ao ser retirado da lama. Assim, Paulo Cesar diz que logo após reencontrá-lo, a primeira ação foi: “a tobata eu pedi pra “Fundação Enrola” que eles reformassem pra mim, porque essa tobata eu a ganhei quando eu tinha onze anos de idade. Eu morava aqui em Mariana” (PAULO CESAR,2022) . Em um primeiro momento, podemos analisar a fala de Paulo Cesar dentro da discussão apresentada sobre os contextos históricos tratados por Maroevic, que, como analisamos, envolve o contexto primário, o contexto arqueológico e, por último, o contexto museológico. No nosso olhar sobre a tobata, vimos que ela se inseriu nesse contexto primário, adquirindo um valor no contexto arqueológico e que a partir do seu resgate da lama por Paulo Cesar se insere no contexto Museológico, uma vez que nesse contexto os objetos não servem mais ao seu propósito normal, “em vez disso, seu propósito e uso é informativo e comunicacional(...)tornam-se, assim, espécimes do patrimônio cultural. Este é o contexto em que se cria um clima no qual o objeto se torna dominante, com os valores de todas as suas identidades (MAROEVIC,2021, p.09).

Apropriamo-nos da fala de Maroevic para ressignificar o contexto museológico e entender a tobata dentro de um contexto patrimonial, já que o processo de valoração e comunicação do objeto se dá pela relação emocional que Paulo Cesar estabelece com o objeto do que uma intenção intelectual material, onde o objeto se torna dominante, com os seus valores sendo estudados. Isso amplia um segundo ponto na nossa análise em relação à fala de Paulo Cesar, ao demonstrar que a sua intenção de

resgatar e reformar a tobata é porque ele a havia ganhado de presente quando tinha apenas onze anos. Aqui as dimensões das emoções surgem como um motor de mobilização da memória, ancorando-se no que Jean-louis Tornatore irá delimitar como especificidade na emoção patrimonial, uma vez que a emoção atribuída ao evento não se relaciona aos valores atribuídos ao objeto da emoção (TORNATORE,2013). A tobata, enquanto um objeto patrimonial, irá desencadear uma série de teias de memórias que vão se entrelaçando em meio as emoções despertadas pelo objeto, estabelecendo-se como um objeto sobrevivente, comunicando um passado cujo referencial territorial já não existe mais.

As primeiras lembranças despertadas pela tobata em Paulo Cesar remetem a sua infância, revelando que o objeto se estabelece como um registro memorial que se relaciona com distintos momentos da sua vida, em que a lembrança despertada pelo objeto vai se interconectando com diversas outras, revelando esse processo íntimo estabelecido na relação do sujeito com o território. Ao descrever a importância da tobata, dimensiona o valor de afetividade com o objeto, pois como relata,

é uma coisa que eu tenho sentimental, que meu pai me deu. Foi a primeira máquina. Na época eu tinha onze anos e nem aguentava segurar nela. Mas todo final de semana meu pai pegava a gente e “vamo pro Bento passear!”. E eu que ia com ele, porque a minha mãe não gostava, meus irmãos não gostavam. (PAULO CESAR, 2022).

Assim, a tobata aguça a memória de um tempo em que Paulo Cesar ainda não residia em Bento Rodrigues, já que a sua família morava em Mariana, o seu pai tinha um terreno em Bento e cultivava diversas frutas, legumes e hortaliças. O presente dado pelo pai a Paulo Cesar, mesmo com onze anos, é porque desde criança ele já cultivava um afeto por Bento Rodrigues e por essa vida ligada ao campo.

Na dinâmica das emoções no contato com os objetos, alguns passam a comunicar um passado que sequer pertenceram. Nesse emaranhado processo memorial, os objetos transitam no sentido de ativar algumas memórias como se tivessem feito parte desse passado. É o que experientia a moradora Dona Terezinha. Ela sempre teve um pandeiro meia-lua, com uma representação significativa no seu envolvimento com a música, as festas tradicionais, as celebrações. Assim como quase todos os objetos dos moradores de Bento Rodrigues, o pandeiro meia-lua também foi soterrado pela lama. Trinta dias após a o rompimento da barragem de rejeitos, o pandeiro é encontrado acerca de quinhentos metros da sua residência, onde vivia com o seu marido, Seu Zezinho. Ao falar do objeto, percebemos a violência do desastre, uma vez que em 2020 o objeto ainda carregava literalmente as marcas

do crime, mesmo com todo o esforço em retirar por parte de Seu Zezinho e Dona Irene: "Você vê que ele tem umas manchas de barro, de lama, ó, tá vendo? A gente não conseguiu tirar, mas ficou praticamente perfeito" (SEU ZEZINHO apud VASCO, 2020, p.115-116).

O objeto, ao ser resgatado e limpadado, ainda carrega os resquícios traumáticos. Mas, ainda sim, volta ao seu lugar de uso, assumindo também neste processo um duplo lugar, enquanto a função do objeto é restaurada e, ao mesmo tempo, exerce um lugar de culto, na medida que estabelece uma relação emocional com o passado vivido por Dona Irene e Seu Zezinho. Dessa forma, mesmo conversando com Dona Irene, as memórias estabelecidas pelo objeto são duplas. A primeira emoção revelada ao falar do objeto é pelo seu amor com a música. O pandeiro-meia-lua reflete a sua vivência na música, que mesmo diante dos reflexos do desastre, parece ser um remédio para lidar com a dor por estarem desterritorializados na cidade de Mariana, uma vez que ela não se sente pertencente a cidade, conforme vimos expresso no primeiro capítulo desta tese. Ela utiliza o pandeiro nas apresentações que tem com o seu grupo chamado Trio Maravilha, formado por ela, Seu Zezinho e um sanfoneiro amigo da família. Estar no grupo é um refúgio para a dor.

Eu com Zezinho nós gosta mais é de divertir né? É aproveitar, tipo assim, distraí bastante a cabeça, a mente da gente. Nós canta mais é sertanejo, músicas raízes, né? Aí nós apresenta agora sempre na Rádio Ouro Preto. Muita gente gosta, liga pra lá elogiando, dando os parabéns. A gente faz o possível pra dá certo. (DONA IRENE,2020)

O objeto, nesse contexto, passa a estabelecer uma dimensão emocional para Dona Irene, revelando que a musealidade se expressa em forma de vontade de memória. Para Teresa Scheiner, a musealidade emergida dessa relação, independe de rigor técnico e científico, uma vez que ela é identificada e ajustada por meio da percepção que os sujeitos desenvolvem conforme os valores e sistemas simbólicos dos grupos sociais (SCHEINER,2005). Assim sendo, ao se identificar com o objeto, ao narrar de forma emocional a relação que o pandeiro mantém com a sua própria história, vemos que o objeto ativa as ressonâncias e o trabalho da memória de Dona Irene, de narrar sobre a sua história, mantendo viva uma trajetória ligada ao próprio território destruído.



Figura 8: Dona Irene com o pandeiro regatado da lama. Fonte: Jornal A Sirene

As emoções afetam e mobilizam os indivíduos nas suas mais variadas formas. Em Seu Zezinho, marido de Dona Irene, elas se configuram pelo luto diante do desastre e reflete um aspecto peculiar da expressão do sentimento de luto a partir da internalização do sofrimento enquanto processo simbólico. O sociólogo Guilherme Pinheiro Koury vai elaborar uma profunda análise sobre esse aspecto das emoções em sua obra “Sociologia das emoções. O Brasil urbano sobre a ótica do luto, e Individualidade”. O autor destaca que os fatores sociais são determinantes na expressão das emoções pelos indivíduos e que os sentimentos de medo, perda, vergonha ao expressar determinado sentimento, como o próprio luto e a saudade, acabam por fazer com que o sujeito se isole socialmente, sofrendo de maneira solitária, direcionado para a melancolia e a tristeza (KOURY,2003). Podemos perceber que o sentimento gerado pela dor da perda do território, das relações afetivas estabelecidas com o espaço, gerou uma emoção em Seu Zezinho que no luto quase perdeu a sua vida, conforme relata Dona Irene : “Porque quando a gente chegou em Bento Rodrigues, com o tempo lá ele (Seu Zezinho) acabou sendo colocado como presidente do time de futebol, né? Ai o time que ele mexia, ele era tudo né? Ele era treinador, presidente. Era tudo sabe?”. Conforme destaca Dona Irene, a perda do campo de futebol do time, dos jogos de camisa, tudo aquilo que simbolizava a paixão pelo clube, fez com que ele perdesse o interesse em continuar a cuidar do time em uma cidade em que não se sente pertencente.

As emoções, da mesma maneira que se expressam por meio do luto na perda do território e dos objetos, permitem vivenciar outras sensações a partir do reencontro com estes que se perderam. Seu Zezinho, na medida em que sentiu a perda dos objetos relacionados ao seu time do coração, da mesma forma teve as emoções afloradas quando reencontrou os jogos de camisa do seu time . Ao contrário do pandeiro meia-lua de Dona Irene, que ainda mantinha o seu uso primário, a camisa enquanto objeto patrimonial assumiu um lugar de culto, por representar o sofrimento do desastre, configurando-se como relíquia, sendo salvaguardada em um lugar especial na casa de Seu Zezinho e Dona Irene, comunicando um período feliz na sua vivência como diretor e presidente do time São Bento<sup>8</sup>.



Figura 9: Seu Zezinho com o jogo de camisa do time de futebol de Bento Rodrigues. Fonte: Jornal A Sirene

### Considerações finais

“Cada peça, cada pedaço, nos lembra quem somos. Mesmo com nossas vidas mutiladas, ainda estamos aqui. O rejeito não soterrou nossas memórias” (A

---

<sup>8</sup>Dezoito dias depois da destruição, a equipe de futebol de Bento Rodrigues retornou aos gramados. Diante da tristeza, jogadores buscaram manter viva a comunidade. Como o antigo uniforme ainda estava soterrado, fizeram as pressas um novo com as cores verde e branco, marca do clube. Disponível em: <https://bit.ly/3vBZhO6>. Acessado em: 15/01/2024.

SIRENE,2016, p.19). Essa frase que consta no Jornal A Sirene e se refere ao resgate de pertences pessoais soterrados, sintetiza a ressignificação dos objetos ao serem retirados da lama. Observamos que os objetos resgatados adquiriram uma nova configuração, constituindo-se como objetos patrimoniais que passam a ser valorados pelas vítimas e estabelecem uma relação de comunicação de uma memória pretérita que perdeu todas as suas referências territoriais, materiais e imateriais. As emoções patrimoniais geraram um processo de introdução de outras qualificações aos objetos, transformando os seus valores de uso. Eles passaram a se inserir em uma lógica patrimonial cuja comoção e o resgate dos objetos sobreviventes conferem a estes uma transformação simbólica que não se relaciona com a separação do objeto material do território destruído, mas sim ao direcionamento de uma duplicidade delimitada pelo seu novo valor representativo, configurando processos comunicacionais que, nas suas propriedades materiais e imateriais atribuídas em virtude da sua musealidade, refletem diversas memórias individuais passadas, entrecruzado nas memórias coletivas, alterando as sensações emocionais no presente.

A lama transformou os objetos soterrados em múltiplos testemunhos. Atravessados pelo trauma, estruturaram-se como objetos únicos relevadores de outras memórias, de identidades construídas na vivência do território que se perdeu. Dessa forma, passamos a compreender neste artigo os objetos soterrados como objeto patrimonial. Tal compreensão se deu pelo diálogo estabelecido com alguns teóricos, com destaque para Nathalie Heinich, que vê o objeto patrimonial qualificado a despertar emoções (HEINICH,2012). Nessa perspectiva, as emoções podem ser descritas de acordo com signo representado pelo objeto patrimonial.

Ao observarmos os objetos na lógica patrimonial, avistamos que eles atenuam seu valor funcional para o qual foram inicialmente designados, sendo-lhes atribuídos valores que agora se relacionam com o trauma, passando a ter uma nova funcionalidade, comunicando outra realidade. Neste ponto, nos aprofundamos sobre o caráter comunicacional do objeto patrimonial, principalmente a sua musealidade. Os objetos, a partir do momento em que passaram a ter uma duplicidade de sentido, estabeleceu-se como suporte para as propriedades imateriais que lhe são atribuídas, adquirindo um caráter especial. Vimos que os objetos retirados da lama, ou perdidos, passaram por um processo de transformação simbólica, não se relacionando necessariamente com a sua separação material do ambiente físico, mas a uma existência dupla, delimitada pelo objeto. Na relação entre memória e objeto, a

musealidade revelou as qualidades não materiais dos objetos patrimoniais ausentes e presentes.

Objetos como a Tobata resgatada pelo morador Paulo César, o pandeiro reencontrado de Dona Irene, os quadros de Josilene e Zezinho Café, passaram a ter um novo significado em suas vidas, transformando-se em objetos patrimoniais que ao serem valorados estabelecem uma relação de comunicação de uma memória que perdeu as referências territoriais, materiais e imateriais. No quadro das emoções, evidenciou que as emoções patrimoniais provocaram a introdução de outras qualificações aos objetos, transformando o seu valor de uso. Dentro da lógica patrimonial, revestem-se de novos significados, em que a emoção e a recuperação dos objetos sobreviventes lhes conferem uma transformação simbólica, passando a comunicar diversas memórias individuais passadas, transmudando as sensações emocionais no presente.

## Referências Bibliográficas

A SIRENE: para não esquecer, Mariana (MG), fev. 2016 a dez. 2022.

ARCURI, M.; LAIA, P. O.; SUÑER, R. *Territórios e patrimônios na lama das negociações: desafios para a museologia comunitária na Barragem de Fundão*. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico - UFMG, Belo Horizonte, v. 24, n. 1/2, p. 209-244, 2015.

BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CAMARGOS, D.C. *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em : <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.

CONNERTON, P. *Como as Sociedades Recordam*. 2.<sup>a</sup> Edição. Oeiras: Celta, 1999.

DAS, V. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. Delhi, Oxford University Press, 1995.

DECAROLIS, N. *OBJETO - DOCUMENTO?* In : Symposium. OBJECT- DOCUMENT?. Edited by Martin R. Schärer. Beijing, China, September 1994, p.83-88.

DOHMANN, M. *A experiência material: a cultura do objeto*. In: A experiência material: a cultura do objeto. (org) Marcus Dohmann ...[et al]. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

FABRE, D. *Le patrimoine porté par l'émotion*. In: FABRE, Daniel (dir.). Émotions patrimoniales. Nouvelle édition [enligne]. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2013, p.13 – 100.

FABRE, D. *Catástrofe, descoberta, intervenção ou o monumento como evento*. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.11, n.21, Jul./Dez, p. 08 – 19, 2019.

- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent León Schaffter. 2ª ed. São Paulo, Editora Revistas dos tribunais LTDA, 1990.
- HEINICH, N. *Les émotions patrimoniales: De l'affect a l'axiologie*. Social Anthropology. Social Anthropology, vol.20, 2012.
- HEINICH, N. *O Inventário: um patrimônio em vias de desartificação?* PROA Revista de Antropologia e Arte, v. 1, n. 5, 1 dez. 2014.
- HORTA, M.L. *The link from things to objects to subjects to documents to museums, and what they're all about*. In: Symposium. OBJECT- DOCUMENT? Editet by Martin R. Schärer. Beijing, China, September 1994, p.103-112.
- IZQUIERDO, Ivan. Memórias. Estudos históricos.v. 3, n.6, p. 89-112, 1989.
- KOURY, M.G.P. Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes. 2003.
- MAROEVIĆ, I. *O papel da musealidade na preservação da memória*. Texto apresentado no Congresso Anual do ICOFOM – Museologia e Memória. Paris, Zegred, 18 de Febrero de 1997. [Tradução de Tereza Scheiner].
- MAROEVIĆ, I. *O objeto de museu como um documento*. Tradução André Fabrício Silva/ Bruno Couto Porpora. MOUSEION, Canoas, n. 39, nov. 2021, p. 01-10.
- MAIRESSE, F. *Muséalisation*. Regard & Analyse. In: DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François (dir.). *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011, pp.252-269.
- MENSCH, P. V. *O objeto de estudo da museologia*. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994.
- ROSSI, P. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo, Editora UNESP, 2010. 240p.
- SILVA, F. K. *Ramos da Memória, Percepção & Experiência: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia Marajoara (Pará)* / Felipe Kevin Ramos da Silva. - 2017
- SILVA, A. F.; FAULHABER, P.. Bento Rodrigues e a memória que a lama não apagou: o despertar para o patrimônio na (re)construção da identidade no contexto pós-desastre. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 15, n. 1, p. e20200126, 2020.
- STRÁNSKÝ, Z. *Object-document, or we know what we are actually collecting?* In: Symposium. OBJECT- DOCUMENT? Editet by Martin R. Schärer. Beijing, China, September 1994, p.47-52.
- TORNATORE, J-L. *O Patrimônio Cultural Imaterial, entre controle e emancipação*. Palestra proferida no Seminário Internacional em Memória e Patrimônio, Convenção do Patrimônio Imaterial 10 anos depois, Pelotas 06-08 nov. de 2013. Tradução; Maria Leticia Mazzucchi Ferreira.
- VAN MENSCH, Peter. *Toward a methodology of museology*. In: Symposium. OBJECT- DOCUMENT? Editet by Martin R. Schärer. Beijing, China, September 1994, p.65, tradução minha.

VASCO, M. R. G. *Vidas em suspenso: imagens e narrativas de Bento Rodrigues (MG) depois do rompimento da barragem de Fundão*. 2020. 1 recurso online (184 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

### **Referências das falas e entrevistas dos moradores de Bento Rodrigues**

A Sirene, edição 10, janeiro de 2017, p.26.

Adolescente D . Entrevista concedida em 5 de julho de 2022.

DONA IRENE. Entrevista concedida em 8 de janeiro de 2020.

JOSÉ DAS DORES. In: CAMARGOS. *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em: <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.

JOSILENE. In: CAMARGOS . *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em: <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.

LUCIENE. In: CAMARGOS . *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em: <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.

PAULO CESAR. Entrevista cedida no dia 21 de julho de 2022.

SALES. In: CAMARGOS . *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em: <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.

TONINHO. In: CAMARGOS . *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em: <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.

SEU ZEZINHO . In : VASCO, M. R. G. *Vidas em suspenso: imagens e narrativas de Bento Rodrigues (MG) depois do rompimento da barragem de Fundão*. 2020. 1 recurso online (184 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.p.115-116.

ZEZINHO CAFÉ. *apud* CAMARGOS. In: *Só uma foto na parede: nos objetos resgatados da lama em Bento Rodrigues, memórias de vidas perdidas*. Estadão, 05 de novembro de 2016, n.p. Disponível em: <https://bit.ly/3O9Tgyu> . Acessado em: 20/01/2024.